

ÁFRICA.CONT: O lugar da música no projeto

J.A. Fernandes Dias*

O projeto ÁFRICA.CONT desenvolve-se a partir de um desafio que nos foi lançado e que decorre da vontade política de responder à ausência em Portugal de uma plataforma que propicie o conhecimento da criação cultural africana contemporânea, inserido num contexto inevitável do desenvolvimento das relações Europa-África. O grande entusiasmo com que recebemos o convite para conceber e projetar esta instituição resulta da concordância com esse diagnóstico, e com as agendas oficiais propostas.

Assim nasceu o ÁFRICA.CONT como projeto de uma plataforma para o desenvolvimento de relações de comunicação, cooperação e interação entre a Europa, os países africanos e as suas diásporas. Baseada na afirmação de relações paritárias, privilegiando a interação de realidades autónomas na sua diferenciação de raízes e de estruturas mentais, intelectuais e culturais, decorrentes de diferentes histórias, ambientes e formas de organização social, económica e política; mas atravessadas todas pela mesma modernidade, contemporaneidade e desafios que os processos de globalização lhes colocam. Descomprometida em relação a correntes políticas, confissões religiosas, grupos de pressão e grupos económicos – prepara-se a sua institucionalização como uma fundação privada de interesse público.

O centro cultural ÁFRICA.CONT será um espaço dinâmico e abrangente, do ponto de vista geográfico e político – do norte de África à África do Sul, do Cabo Verde ao Corno de África, e às suas extensões europeias e das Américas, do Médio Oriente e da Ásia do Sul. Mas também pretende considerar grandes constelações culturais, integrando todas as manifestações de África enquanto agente cultural da globalidade contemporânea: música mas também artes visuais, dança e teatro, fotografia, cinema e vídeo, arquitectura, urbanismo e design, literatura e ciências humanas, moda e culinária, incluindo a Internet e a electrónica como veículos e suportes culturais por excelência da contemporaneidade. Temos plena consciência de que vivemos num mundo globalizado, em que os desenvolvimentos culturais africanos estão interligados com as tentativas de repensar o ocidente e as suas produções culturais, fora da tradicional auto-narração hegemónica. Em novas consciências do mundo, e da arte, que não se conformem com uma tolerância baseada em paternalismo, quotas e correção política.

A programação integrará produções próprias, assim como co-produções com instituições nacionais e internacionais, que circulem; e ainda poderá acolher iniciativas

* Professor na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, consultor do Serviço de Belas Artes da Fundação Gulbenkian, diretor do projecto ÁFRICA.CONT (<http://Africa.cont/>).

externas relevantes. Será desenvolvida em estreita cooperação com especialistas internacionais e nacionais. Propõe-se o seu desenvolvimento em dois formatos. Um grande projeto multidisciplinar anual, de caráter temático ou regional desenvolverá uma programação pluridisciplinar que se prolongará por vários meses, e que poderá integrar artes visuais, cinema, banda desenhada, dança, música, teatro, fotografia, literatura e ciências humanas; com exposições, apresentações, espetáculos, conferências, debates e leituras. Por outro lado, eventos temporários em diversas disciplinas, e de menor duração, mas sempre procurando estabelecer um programa que crie contexto para esses eventos. Para além destes programas temporários, deverá trabalhar-se na constituição de um conjunto de serviços com caráter permanente e em processo – desenvolvimento de projetos de investigação, residências para criadores africanos, centro de documentação bibliográfica e mediática, que contemple várias disciplinas, e um programa educativo dirigido a diferentes públicos e escalões etários.

Previsto para entrar em ação plena em 2012, nas suas instalações (projecto do arquiteto tanzaniano David Adjaye), o AFRICA.CONT vem mantendo uma programação dispersa, em espaços alternativos disponíveis em Lisboa. De Março a Maio de 2009 teve lugar um ciclo de cinema – *African Screen – Novos Cinemas de África* com curadoria de Manthia Diawara e Lydie Diakhaté – em doze sessões, com debates em que participaram grande parte dos realizadores apresentados. Em Junho, David Adjaye apresentou o estudo prévio do projeto arquitetónico, no espaço em que se vai instalar o AFRICA.CONT – as Terceiras do Marquês, à Avenida 24 de Julho. Em Dezembro ainda, reunimos um conjunto de personalidades internacionais relevantes no mundo cultural africano, no *Encontro AFRICA.CONT*; durante dois dias intensos, pensamos e discutimos em conjunto o que é, o que pode e o que deve ser o AFRICA.CONT, seguindo assim o nosso propósito desde o início de trabalhar com África mais do que sobre África. Já em 2010, iniciaremos as residências de artistas, apresentaremos três exposições – fotografia, arquitetura e artes visuais; e organizamos um concerto em que se apresentarão Victor Gama e o Kronos Quartet com um programa que vê estreia mundial em Nova Iorque em Março deste ano.

A música já tem ocupado um espaço significativo na programação provisória. Logo na apresentação oficial do projeto AFRICA.CONT em Dezembro de 2008, Wyza estreou o espetáculo *Bakongo* no Cinema São Jorge, precedido pelo Grupo Wonderfull's Kova M que dançou *Íman*. E em Setembro, nos terraços das Terceiras do Marquês apresentaram-se três nomes grandes áreas musicais diferentes de África. A curadoria do evento foi da nossa colaboradora Paula Nascimento, que reuniu o Kora Jazz Trio, o etíope Mulatu Astatke & The Heliocentrics, e o grupo cabo-verdiano Ferro Gaita, desde a tarde pela noite dentro.

Mas a música ocupará sempre um lugar de relevo na nossa programação, quer definitiva, nos dois tipos de iniciativas indicados, quer nesta fase provisória que vivemos e por múltiplas razões. A sua onnipresença em África, com a diversidade e riqueza musical do continente. A sua importância na vida cultural, política e social, das populações africanas, contemporaneamente, mas também tradicionalmente. A sua capacidade única de articular diferentes géneros, tradicionais e modernos, africanos e outros, de os traduzir entre si, dando origem a géneros híbridos numa proliferação que não tem comparação em qualquer outra área cultural; o que acontece desde sempre – basta pensar no merengue, na rumba ou na salsa afro-caribenhos, na *gnawa* magrebina, no *lundun*, o choro ou o forró brasileiros, na morna ou a mazurca, a coladeira, o funaná, o *batuko tabanka* de Cabo Verde, no jazz e nos blues norte-americanos; mas que tem nas últimas décadas uma dimensão sem precedentes – a *afrobeat*, o *rai*, o reggae, o hip-hop, o *zouk*, a *kizomba* e o *kuduro* ou a *marrabenta*. A partir do século XX, é difícil encontrar, nas músicas populares, géneros musicais que não tenham sido marcados pelos sons de África. E inversamente, as músicas urbanas de África e das suas diásporas souberam como mais nenhuma dialogar com todas as tradições exógenas. Tudo isto faz com que a música seja um lugar por excelência para a discussão sobre globalização, e para pensar conceitos como o de cultura mundial (*world culture*, e *world music*) versus cultura global, que dominam os debates contemporâneos.

E depois, com certeza na sequência do que foi escrito até agora, há um claro interesse maioritário de públicos diversos pelas músicas de África. São sem dúvida a forma cultural africana que mais atravessa gerações, classes sociais, visões do mundo, interesses musicais. E também a que está mais acessível, dada a sua difusão global.